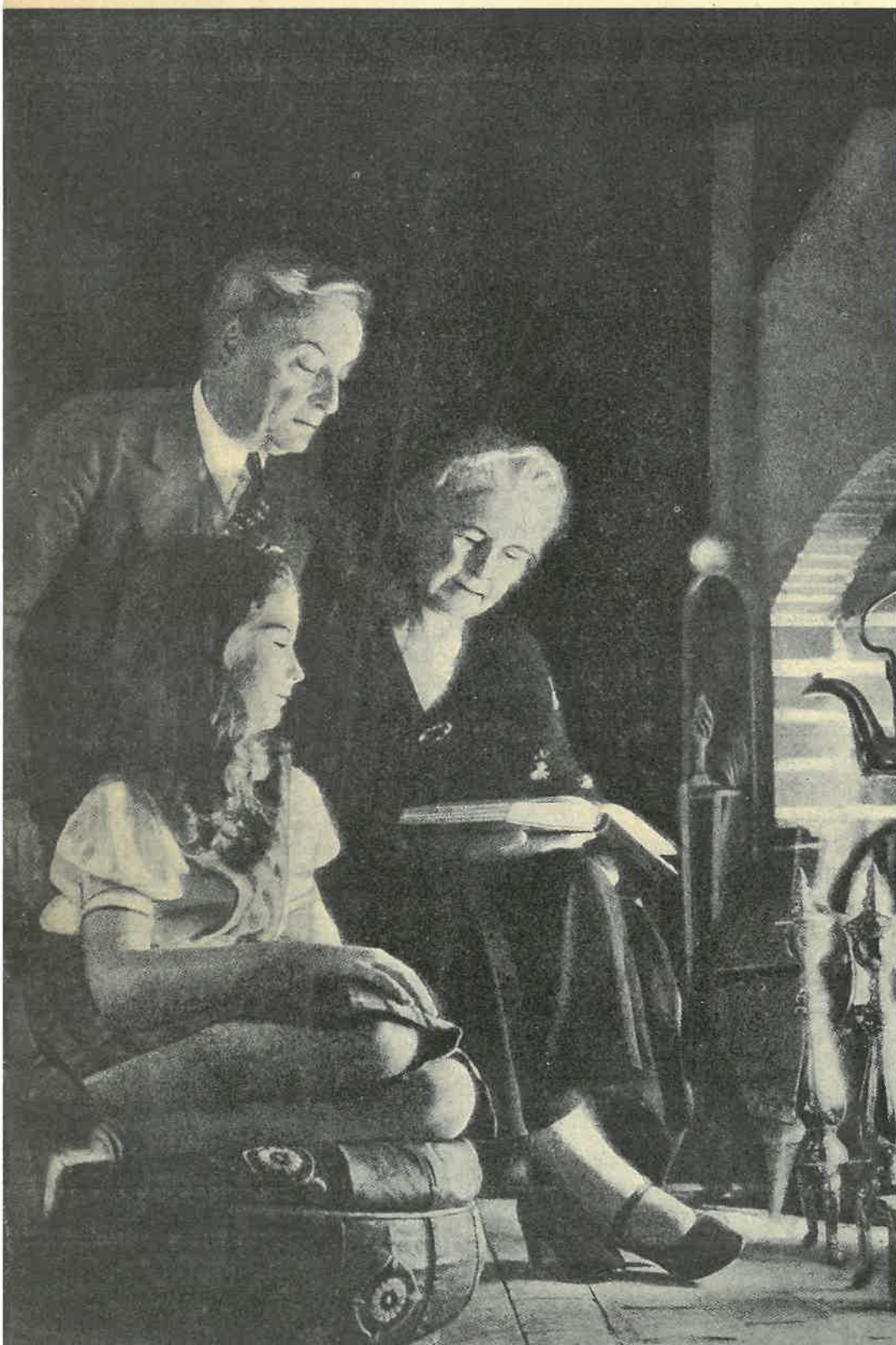


REVISTA ADVENTISTA

«Até que todos cheguemos à unidade da Fé, ao conhecimento do Filho de Deus» (Aos Efésios 4:13)



Esclarecendo...

“

O protestantismo actual

Por A. V. OLSON

“

Cristo e a vossa família

Por A. FIGUEIREDO

“

**A Bíblia Protestante
será diferente da
Bíblia Católica?**

Por ERNESTO FERREIRA

“

¿ Deus ou Matéria?

Por A. DIAS GOMES

“

**Um Auto de Fé
em Lisboa**

“

Decisão e prontidão

Por E. G. WHITE

“

**Que nos reserva
o futuro**

Por A. DIAS GOMES

~~~~~ 2\$50 ~~~~~

# Esclarecendo...

A gravura da nossa capa apresenta-nos um lar amável onde reina o conforto, a limpeza, o bom gosto. Ao calor da chama no fogão de sala, aquela família procede à leitura das Sagradas Escrituras, com o fim de alimentar as suas almas. No silêncio da meditação, a voz do Pai faz-se ouvir lendo algumas das páginas cheias de elevação. No espírito juvenil em desenvolvimento, êsses momentos ficarão inesquecíveis através da vida.

As Sagradas Escrituras são o livro básico e fundamental da Fé Cristã, consoante afirmam os ministros de tôdas as Igrejas, desde a Grega, à Católica, à Evangélica e, não esqueçamos, dois têrços delas são consideradas santas pelos milhões de Israelitas espalhados no mundo! Degladiam-se os cristãos entre si; são perseguidos quando em minoria e armam-se em perseguidores quando têm a maioria; nos países onde há liberdade de pensamento e neutralidade do Estado perante as religiões, falam mal umas congregações das outras, abocanham-se, procuram textos bíblicos para se insultarem mutuamente. Mas no meio de tanta discórdia, nessa Babilônia de confusões, existe sempre a Bíblia, e por todos é considerada como divinamente inspirada. Todos os outros bons livros dos melhores crentes cristãos do passado e do presente só são bons quando estejam de harmonia com a letra e o espírito das Sagradas Escrituras. Uma tal harmonia de pensamento e de idéias sobre o Livro deve dar muita consolação e certeza ao crente que pretenda apenas conhecer a verdade cristã e, acima de tudo, fortalecer a sua alma com alimento higiênico, «com leite racional»

A leitura das Sagradas Escrituras constitui o alimento espiritual de melhor qualidade para o indivíduo. «Mas a palavra do Senhor permanece para sempre... Desejai pois, afectuosamente, como meninos novamente nascidos, o leite racional não falsificado, para que por êle vades crescendo» (1.º de S. Pedro 1:25 e 2:2). A leitura de livros devocionais — alguns de muita elevada espiritualidade — é útil quando levem a nossa mente à compreensão mais viva e clara das palavras divinamente inspiradas. Não substitue tal leitura a da Bíblia. Cada indivíduo terá de responder individualmente perante Deus e, por isso, necessita ter as suas idéias exactas sobre qual deva ser a sua religião.

Religiosamente falando, a leitura Bíblica e a prática das suas doutrinas constituem factores importantíssimos de unidade. A divisão entre crentes provém da nenhuma ou má leitura das Escrituras. Porque discordam as Igrejas e combatem os cristãos? Porque êste ou aquêle credo se introduziu na bagagem espiritual sem base nenhuma nas Escrituras. Quando todos os cristãos aprendam a não ir além do que está escrito, os combates cessam por falta de pólvora. Vivemos justamente na época em que «êste Evangelho do Reino será prêgado a tôdas as gentes» e como resultado da prêgação de «o Evangelho eterno» vai cair a grande Babilônia que tanto mal tem feito à humanidade, com as suas confusões e enganos. Vivem na Babilônia todos quanto se agarram mais às palavras humanas do que às simples palavras inspiradas.

«Se alguém ensina alguma outra doutrina e se não conforma com as sãs palavras de nosso Senhor Jesus Cristo, é soberbo e nada sabe, mas delira acêrca de questões e contendas de palavras, das quais nascem invejas, porfias, blasfêneas, ruins suspeitas, contendas de homens corruptos de entendimento e privados da verdade» (1 a Tim. 6:3-5).

## A NATUREZA, UM GRANDE LIVRO

«O grande armazém da verdade é a Palavra de Deus — a palavra escrita, o livro da natureza e o livro da experiência na maneira de proceder de Deus com respeito à vida humana. Aqui estão os tesouros donde os Obreiros de Cristo devem abastecer-se. Se o seguidor de Cristo acrecita na Sua Palavra e a pratica, não há ciência no mundo natural que não seja capaz de apanhar e compreender. Nada existe que não lhe forneça os meios de transmitir a verdade aos outros. As ciências naturais são armazéns de conhecimento dos quais todos os estudantes de Cristo podem obter abastecimento. À medida que contemplarmos a beleza da natureza, consoante nós formos estudando as suas lições no cultivo da terra, no crescimento das árvores, em tôdas as maravilhas da terra, do mar e do céu, obteremos uma nova percepção da verdade.

«E os mistérios referentes à maneira de proceder de Deus com respeito à Humanidade, as profundezas da Sua Sabedoria e Juízo, consoante vemos na vida humana — também são armazem de tesouros bem fornecidos de preciosidades».

(E. G. White-C. O. L. p. 126)

## HINO À NATUREZA

«Tudo é grande e admirável na Natureza e nada há que não tenha o cunho do seu obreiro; o que nela se vê de irregular e imperfeito supõe regra e perfeição. Homem vão e presunçoso! faze um verme dos que pisas, dos que desprezas! Tendes horror ao sapo: fazei um sapo se vos é possível. Que excelente Artista não é aquele que fez obras, não direi admiradas, mas temidas pelos homens! Não vos peço que entreis na oficina com o fim de fazer um homem inteligente, um homem bem feito, uma bela mulher: a emprêsa está muito acima das vossas forças; experimentai apenas fazer um corcunda, um doido, um monstro e ficarei contente.

«Reis, monarcas, potentados, majestades sagradas! Não vos tenho nomeado pelos vossos nomes soberbos? Grandes da terra, muito altos, mui poderosos e, talvez, em breve, onnipotentes senhores! Nós, outros homens, temos necessidade para as nossas searas de uma pouca de chuva, de algumas gôtas pelo menos, dum pouco de orvalho: pois façam o orvalho, enviem à terra uma gôta de água.

(Les Caractères de la Bruyère)

Quando se percorre a história do povo de Israel nas Sagradas Escrituras, fica-se admirado com a freqüência dos seus deslizes e das suas apostasias e a facilidade com a qual se afastava do Deus de seus pais para seguir as suas inclinações.

facto que o Espírito Santo inspirou, animou e conduziu os autores das Sagradas Escrituras e os autores das Sagradas Escrituras e os factos que o Espírito Santo inspirou, animou e conduziu os autores das Sagradas Escrituras e os

burn, Estado de Nova-Iorque, uma grande reunião de pastores dessa igreja afirmou que as doutrinas consideradas fundamentais pelas Assembleias eram simples teorias e a sua aceitação não devia ser imposta como condição de consagração de pastores. Cerca de oitocentas assinaturas foram colocadas no que se chamou a Declaração de Auburn, da qual vamos extrair o seguinte parágrafo:

O estudo da história do Cristianismo apresenta infelizmente quadro muito semelhante ao do antigo Israel. O Apóstolo S. Paulo afirmava que o «mistério da iniquidade» operava já no seu tempo e anunciava que, depois da sua morte, se levantariam dentro da Igreja muitos falsos doutores que arrastariam atrás de si discípulos. O cumprimento desta profecia não se fez esperar muito tempo. Desde que os Apóstolos e seus auxiliares desceram à sepultura, homens novos surgiram que imprimiram ao Cristianismo novas direcções. Os mandamentos e doutrinas das Escrituras deram lugar às tradições e ensinamentos dos homens. Desde então, a Igreja conheceu altos e baixos, períodos de reforma foram seguidos de períodos de incredulidade e de apostasia.

O actual mundo religioso, embora a beneficiar de toda a luz projectada sobre a Igreja no decorrer dos séculos, tem sempre a tendência para se afastar de Evangelho. Nos diferentes ramos do Cristianismo afastam-se hoje, de forma alarmante, das doutrinas fundamentais da Bíblia. O evolucionismo, a alta crítica e o pretenso modernismo, com todas as suas graduações, minam a fé em Deus e na Sua Palavra. Algumas das grandes Igrejas Protestantes que desde a origem, mantiveram firmemente certas doutrinas fundamentais tais como a inspiração das Escrituras, a divindade de Cristo, o Seu sacrificio expiatório, a Sua ressurreição, ascensão e milagres, abandonam tais credos, um após outro. As Assembleias Gerais de certa Igreja, reunidas em 1910, 1916 e em 1923, ao dar-se conta de que os elementos subversivos minavam no seio do Protestantismo a fé na Palavra, fizeram a declaração dos princípios seguintes:

«1. Consideramos como doutrina fundamental da Palavra de Deus e dos nossos regulamentos, o

# O PROTESTANTISMO ACTUAL

e de nos reconciliar com Deus.

4. Consideramos



como doutrina fundamental da Palavra de Deus e dos nossos regulamentos a fé na ressurreição de nosso Senhor Jesus Cristo dentre os mortos, ao terceiro dia e isso no próprio corpo em que sofreu e subiu ao céu

Por **A. V. Olson**

Director da Divisão Sul-Europeia dos Adventistas

onde agora está assentado, como intercessor à direita de Deus.

5. Consideramos como doutrina fundamental da Palavra de Deus e como artigo supremo da nossa fé o facto de nosso Senhor Jesus Cristo ter manifestado o Seu poder e amor operando grandes milagres que, não sendo contrários à natureza, lhe eram superiores.»

Pois actualmente o poder dos tais elementos subversivos mencionados mais acima é tal que anularam virtualmente estas declarações. Em 1924, em Au-

burn, Estado de Nova-Iorque, uma grande reunião de pastores dessa igreja afirmou que as doutrinas consideradas fundamentais pelas Assembleias eram simples teorias e a sua aceitação não devia ser imposta como condição de consagração de pastores. Cerca de oitocentas assinaturas foram colocadas no que se chamou a Declaração de Auburn, da qual vamos extrair o seguinte parágrafo:

«A Assembleia Geral de 1923, referindo-se às cinco declarações doutrinárias, afirmava que cada uma delas é «doutrina fundamental da Palavra de Deus e dos nossos regulamentos». Na base constitucional já indicada, opomo-nos a toda a tentativa de fazer destas cinco declarações doutrinárias ou de uma qualquer dentre elas uma condição à consagração ou uma prova de ortodoxia.

«Além disso, esta opinião da Assembléia Geral arrisca-se a ligar a nossa Igreja a certas teorias... Somos unânimes em pensar que estas teorias não são as únicas autorizadas pelas Escrituras e pelos nossos regulamentos para explicar certos factos e certas doutrinas da nossa religião.»

Uma outra manifestação do espírito modernista no Protestantismo é o facto que o Moderador dessa Igreja, recentemente eleito, é um dos signatários da dita Declaração. O redactor do «Christianity Today», Dr. Samuel G. Craig, escrevia no número de Maio de 1943:

«Precisamos não deixar em silêncio o facto que as doutrinas julgadas secundárias pela Declaração d'Auburn são claramente ensinadas na confissão de fé e nos catecismos da nossa Igreja e foram considerados como essenciais por toda a Igreja Cristã. Como dizia o chorado Dr. C. W. Hodge: «Sejam quais forem os direitos de qualquer assembléia é um facto

o que a inspiração plenária e a consequente infalibilidade das Escrituras, o nascimento miraculoso e ressurreição corpórea de Cristo, a Sua obra expiatória e o Seu regresso pessoal não só foram explicitamente afirmados na Confissão de Westminster mas são igualmente pontos essenciais e comuns à toda a Cristandade. São reconhecidos pelo Igreja Romana,

Grego, Luterana e Reformada. Estavam ainda na base doutrinária da Igreja Apostólica.»

Também, no decorrer dos últimos anos, a Igreja Baptista — que desde o seu início foi sempre uma fortaleza da sã doutrina — se vê invadida pelo modernismo. São os jornais baptistas que o reconhecem com franqueza. No Watchman-Examiner, um dos periódicos oficiais da Igreja Baptista americana, número de Agosto de 1943, vinham dois artigos do Dr. Earl V. Pierce, pastor muito conhecido, presidente do movimento ortodoxo da Convenção Baptista do Norte. Estes artigos mostram claramente que o elemento modernista toma rapidamente a direcção dos negócios da Igreja. Muitas escolas de teologia e seminários estão nas mãos dos elementos chamados liberais ou racionalistas e a repartição das missões estrangeiras está imbuída de liberalismo a tal ponto que a maior parte dos missionários é escolhida nas instituições teológicas liberais. O Dr. Pierce afirma que nos últimos «vinte anos, 65 % dos missionários enviados ao estrangeiro saíram das escolas liberais». O autor cita o caso de um candidato missionário que se apresentou a exame. Quando lhe perguntaram se acreditava que a Bíblia é a Palavra de Deus inspirada e autoridade infalível em matéria de fé, deu resposta evasiva. Um dos examinadores voltou à carga e disse: «Vejo que não me responde nem com sim nem com não». Então o candidato respondeu: «Não, não acredito». «Acredita na divindade de Cristo? Sim ou não?» «Não acredito». Sobre o nascimento miraculoso, o sacrifício expiatório de Cristo, a Sua ressurreição e outros artigos de fé essenciais, a resposta foi sempre a mesma: um Não! categórico. Pois apesar de «êste renegamento das grandes bases da fé, o comité de treze examinadores votou, nove contra quatro, enviar êste candidato para as missões».

A situação tornou-se tão grave que muitos baptistas sinceros querem separar-se da Igreja mãe. Já foram feitos planos com o fim de formar outra sociedade de missões estrangeiras. O Dr. Pierce escreve:

«Sabe-se que por cartas sem número e por múltiplas visitas às igrejas fiz tudo quanto pude por reter no seio da comunidade os que tendiam a separar-se dela. Por consequência, se irmãos sinceros, pastores de numerosas igrejas das mais importantes e das mais imbuídas de zelo missionário, ardentemente ligados à comunidade baptista, sentiram necessidade de fundar outra socie-

**D**e tôdas as necessidades que actualmente se fazem sentir — e tantas são elas nesta hora difícil de restrições de tôda a espécie — nenhuma há sem dúvida que tanto se avolume como a carência espiritual.

Orgulhamo-nos dos progressos técnicos da ciência do nosso século, e chegamos a pensar que vivemos num mundo de maravilhas, mas entristecemos-nos ao verificar que os progressos espirituais da humanidade não acompanham os progressos científicos. Neste capítulo, vive-

dade de missões estrangeiras e se consenti nisso como único meio de impedir que centenas de igrejas e milhares de baptistas se separassem inteiramente da Convenção do Norte, os espíritos imparciais dirão que só motivos poderosos puderam obrigar a julgar esta separação necessária por homens que desejavam permanecer fiéis à palavra de Deus.»

Mas as Igrejas Presbiteriana e Baptista não são as únicas a deslizar na encosta encerrada. Outras Igrejas passam também por esta crise lamentável. A incredulidade e a apostasia ameaçam a vida espiritual destas Congregações que, outrora, eram consideradas como pilares na cristandade.

É precisamente em vista de tal situação que Deus suscitou o Movimento Adventista. No próprio momento em que as Igrejas oficiais se afastam da fé confiada aos santos, o Senhor deseja que a Igreja Adventista do Sétimo Dia se erga como fortaleza inabalável em favor da verdade e da justiça. Deseja igualmente que a Igreja Remanescente seja o refúgio de tôdas as almas crentes e sinceras. Devemos pois animar os homens e mulheres a sair da Babilónia e a tomar posição com os que «guardam os mandamentos de Deus e a fé de Jesus».

Se quisermos cumprir honoravelmente os deveres solenes que nos incumbem, devemos marchar com Deus. Sós, nada alcançaremos. Em nós mesmos nada há de melhor que nos outros. Temos a mesma natureza, estamos sujeitos às mesmas tentações e somos todos inclinados a perder-nos. A nossa única esperança está em Deus. Cada dia devemos viver com Deus e alimentar-nos com a Sua Palavra, entregar-nos à oração e alimentar a nossa fé em Deus e na Sua Palavra. Assim, revestidos da armadura de Espírito, estaremos sempre e em todo o lugar prontos a combater pela Verdade, como bons soldados de Jesus-Cristo.

# C R I

mos numa atmosfera de ansiedade e insatisfação que só deve ter sido igualada pelos tempos que precederam o Dilúvio. Foi então que Noé «preparou uma arca para salvação da sua casa».

É claro que a salvação da sua família das torrentes destruidoras do Dilúvio dependia dêle. Noé acreditava em Deus e agiu segundo a instrução divina, e, fazendo-o, salvou a sua família. Foi um tempo de pecaminosidade e decadência moral de tal ordem, que as Escrituras Sagradas declaram:

«Então arrependeu-se o Senhor de haver feito o homem sobre a terra, e pesou-lhe em Seu coração». Gen. 6:6.

Tôda esta maldade foi a operação da mente natural do homem em rebelião contra a Lei e Verdade de Deus. Esta degenerescência tinha finalmente atingido a condição intolerável na qual «tôda a imaginação dos pensamentos do seu coração era só má continuamente» (vers. 5). Então o Céu interveio, e o dilúvio banhou o mundo.

Num tal tempo, numa tal crise, Noé salvou a sua família. Como? Ouviu a palavra de Deus e acreditou nela. Agiu de acôrdo com ela. Sacrificou tempo, energia, tudo, para construir a arca. Mas valeu a pena. Salvou a sua família. A sua vida foi uma vida de sucesso, e o seu nome está entre os heróis da fé no décimo primeiro capítulo da Epístola aos Hebreus.

Atingimos uma hora de crise para o lar cristão. Na confusão de um mundo em guerra, milhares de círculos familiares são quebrados pela ausência de maridos e pais. As deslocções de população efectuadas em muitos países para acudir a trabalhos de defesa, a circulação enorme de dinheiro em mãos de pessoas que antes nunca se haviam visto possuidoras de somas tão avultadas (tal no nosso país com o volfrâmio), tornaram-se, mercê da velocidade e pressão aterradoras que imprimiram à vida, num perigo enorme para a família.

É tempo para chamar todos os cristãos para uma nova dedicação ao lar. Nenhuma nação pode prosperar quando a vida da família se torna precária ou degenerada. A História prova-o a cada passo.

# S T O

leitor, que és pai e que como tal amas o teu filho, perdôa-me que te faça uma pergunta: És tu na verdade um representante de Deus para com os teus? Se o teu rapaz

com a tua família e para com a tua pátria,— conservar a fé do teu rapaz. Pai, tu nunca podes passar a responsabilidade à Mãe, à Escola ou à Igreja. Um dia temos de responder à pergunta: «Onde está o rebanho que se te deu, e as ovelhas da tua glória?». Jer. 13:20.

## E A VOSSA FAMÍLIA

Por A. FIGUEIREDO (adaptação)

Assim como a água não pode subir mais alto do que a fonte donde provém, assim a vida de uma nação

seguir o teu exemplo, será êle aquilo que querias que fôsse? Será êle a qualidade de homem que a pátria

---

*«Pela fé Noé, divinamente avisado das coisas que ainda não se viam, te-meu, e, para salvação da sua família, preparou a arca, pela qual condenou o mundo e foi feito herdeiro da justiça que é segundo a fé.» Heb. 11:7*

---

não pode elevar-se acima da sua fonte, e a fonte da sua vida está na família, no lar.

O lar foi fundado por Deus no começo do mundo, e aos nossos primeiros pais foi dado o mandamento: «frutificai, multiplicai-vos e enchei a terra». Gen. 1:28. Quando o Salvador veio à Terra, entrou na natureza humana através de uma família, que honrou com uma vida de sujeição e obediência até à Sua perfeita maturidade, que atingiu aos trinta anos. Que exemplo para os jovens de hoje! A obediência é uma arte perdida por milhões, e contudo é um dos fundamentos da felicidade da família, e consequentemente da felicidade em geral.

Devíamos esforçar-nos por unir os nossos lares através dessa escola de obediência, que une os pais entre si, os filhos aos pais, os pais aos filhos, e tôda a família a Deus. Poderíamos então perguntar: «É o meu lar um lugar onde Cristo seria bem-vindo? Sentir-me-ia eu à-vontade se o Mestre passasse e me batesse à porta sem previamente se ter feito anunciar? Por outras palavras, é realmente um lar cristão?»

E que tal acêrca das crianças? Tendes realmente feito a vossa parte pelo ensino e pelo exemplo para conduzi-las na fé cristã? Eis aqui um ponto importante e um pouco negligenciado em geral. O pai devia ser o chefe religioso do lar, o verdadeiro sacerdote da família, sob a direcção de Cristo. Agora tu,

necessita? Será êle um homem de fé e de coragem? O teu rapaz já alguma vez te ouviu orar? Já alguma vez lêste com êle a Palavra de Deus à tua família? Os juizes de menores, atribuem por tôda a parte a culpa da maioria dos crimes entre rapazes e raparigas, à falta de preparação na família. A maioria dos delinquentes jovens nunca tiveram um lar. Mas que dizer dos lares cuja influência sôbre as crianças é exercida num sentido errado? Pode um lar onde a palavra de Deus e a oração são negligenciados preparar jovens aptos a enfrentar a crise moral e espiritual do mundo de hoje?

Que dizes a êste respeito? É Cristo a cabeça do teu lar? Estás tu construindo uma arca de salvação para a tua família? Se não, não será tempo de começar?

Leitor, tu és o melhor homem que o teu rapaz conhece; não destruas a sua fé em ti. Tens êsse dever para com êle, para com Deus, para

Agora escuta-me tu leitora, que és Mãe, — um privilégio de que podes justamente orgulhar-te, se puderes responder afirmativamente às minhas perguntas: Estás tu fazendo tudo quanto podes para afastar as ondas de paganismo e pecado que atacam os nossos lares de hoje? As perguntas mais importantes do momento não são «O que é que se está passando na Igreja? O que é que se está passando na Escola? O que é que se está passando no Governô?» A pergunta de maior importância no nosso país é: «O que é que se está passando nas nossas famílias?»

O melhor tempo para preparar uma alma para o reino de Deus é a juventude, e mais do que a juventude, a infância. «Instrue ao menino no caminho em que deve andar; e até quando envelhecer não se desviará dêle». Prov. 22:6. Leitora, estás tu trabalhando para isso ou estás muito ocupada? Como acontece

(Conclui na pag. 11)



○ culto da família

É esta uma pergunta que deixa perplexos muitos crentes e à qual desejaríamos dar uma resposta, tanto quanto possível, satisfatória. Desde já, porém, podemos estabelecer como certo que as edições católicas e protestantes da Bíblia não coincidem, pois que aquelas têm alguns livros e capítulos a mais, conhecidos por Apócrifos, embora em todos os outros livros e capítulos sejam absolutamente idênticas.

### Os Apócrifos

São constituídos pelos seguintes sete livros: Tobias, Judite, Sabedoria, Eclesiástico, Baruc, Primeiro e Segundo de Macabeus; e, ainda, pelos seguintes fragmentos gregos embrechados no texto hebraico do Antigo Testamento: O Cântico dos Três Hebreus (66 versículos intercalados entre os vers. 23 e 24 de Daniel 3), a História de Susana (Dan. 13), as de Bel e o Dragão (Dan. 14), e sete capítulos no fim do livro de Ester.

### Critério a adoptar

Com a divergência apenas incide sobre livros do Antigo Testamento, que já existiam no tempo de Jesus Cristo, um critério muito simples e racional podemos adoptar: — Acei-

tou Jesus êsses livros? E, como Jesus se serviu da Bíblia usada pelos judeus da Palestina no seu tempo, a pergunta pode revestir outra forma: — Eram êsses livros aceitos pelos judeus da Palestina no século I da era cristã? Se eram, devemos aceitá-los, como aceitos também por Jesus; caso contrário, devemos rejeitá-los.

### A Bíblia Judaica do Tempo de Jesus

Para sabermos os livros usados pelos judeus do século I, é de inestimável valor o testemunho de Flávio Josefo, que nasceu na própria Jerusalém, no ano 37. Eis as suas palavras: «Não temos entre nós (como os gregos) uma inumerável multidão de livros, discordando e contradizendo-se uns aos outros, mas apenas vinte e dois, que contêm os registros de todos os tempos passados, e nos quais temos justas razões para crer... É verdade que desde o tempo de Artaxerxes muito particularmente tem sido escrita a nossa história, mas não tem sido considerada de autoridade igual à anterior por nossos antepassados, porque não houve uma exacta sucessão de profetas desde aquele tempo.» (Resposta a Appio, liv. 1, 8).

O célebre general-historiador estabelece, pois, uma diferença nítida entre os vinte e dois livros (pelos

# A BÍBIA

## PROTESTANTE

## DA BÍBIA

quais, diz linhas adiante, todo o judeu estaria pronto a dar a vida) e os outros, a que não tinha sido atribuída igual autoridade.

Mas — perguntar-se-á — os judeus só admitiam de facto vinte e dois livros? Não contamos nós trinta e nove nas nossas Bíblias? Para compreender as palavras de Josefo, devemos lembrar-nos de que a Bíblia se encontrava escrita em rolos, — agrupada justamente em vinte e dois rolos correspondentes às vinte e duas letras do alfabeto hebraico. Eis a sua disposição, segundo a tradição judaica:

I — *Lei* (Torah):

II — *Profetas* (Nebhiim):

- a) Primeiros
- b) Últimos

III — *Agiógrafos* (Kethubhim):

- 1 — Génesis
- 2 — Êxodo
- 3 — Levítico
- 4 — Números
- 5 — Deuteronomio
- 6 — Josué
- 7 — Juizes com Rute
- 8 — Samuel
- 9 — Reis
- 10 — Isaías
- 11 — Jeremias e Lamentações
- 12 — Ezequiel
- 13 — Os doze (Profetas Menores)
- 14 — Salmos
- 15 — Provérbios
- 16 — Job
- 17 — Cântico dos Cânticos
- 18 — Eclesiastes
- 19 — Ester
- 20 — Daniel
- 21 — Esdras e Neemias
- 22 — Crônicas.



A Igreja Adventista, tem, como se vê nesta gravura, centros bíblicos em todo o Mundo

# BÍBLIA

## SERÁ DIFERENTE CATÓLICA?

por Ernesto Ferreira

Segundo esta disposição verificamos que, como ainda hoje sucede, o primeiro e o último livro da Bíblia hebraica eram respectivamente o Genesis e Crônicas (e não Macabeus), ficando excluídos os Apócrifos.

Compreendemos agora por que Jesus, verberando a maldade dos escribas e fariseus hipócritas, lhes lembrou o sangue dos justos derramado sobre a terra desde Abel até Zacarias, filho de Baraquias (Mat. 23:35), isto é, o sangue justo a que se refere a Bíblia desde o seu primeiro livro (Gênesis-Abel), até ao último (Crônicas—Zacarias, e não qualquer dos Mrcabeuss). Compreendemos também por que Jesus nunca tenha citado qualquer dos livros apócrifos.

### Os apócrifos através dos séculos

Seria de estranhar que, através do século III se tenha seguido um Antigo Testamento diferente daquele que seguiu Jesus. Mas assim não sucedeu. *Quási todos os grandes escritores católicos*, desde o início até ao século XVI, não admitiram os livros apócrifos como inspirados.

Eis apenas alguns exemplos :

*Sec. III* — Entre os escritores do século III, destaca-se Orígenes, quer por ser o que mais se notabilizou no estudo da Bíblia, quer por ter usado largamente a versão dos Setenta. Na sua exposição do Salmo I, diz êle : «Deve observar-se que os livros canônicos, usados pelos hebreus, são vinte e dois, segundo o número das letras do seu alfabeto.» (Cit. por Eusébio, Hist. Eccl., VI, 25).

*Sec. IV*—S. Atanásio, na sua «Epistola Festale», depois de enumerar os livros canônicos, acrescenta :

«Para maior exactidão, devemos acrescentar que, além destes livros, há ainda outros que não são canonicizados, é verdade, mas que foram aconselhados pelos Pais para serem lidos por aquêles que, novamente vindos até nós, têm desejo de ser ensinados na palavra da piedade (e cita a seguir os apócrifos).

Gregório de Nazianzo, depois de enumerar os livros do Antigo Testamento, diz :

«Apresentei os vinte e dois livros do Velho Testamento», correspondentes às vinte e duas letras do alfabeto dos hebreus. (Cant. «Dos livros legítimos da Escritura teopnêustica»).

Cirilo de Jerusalém : «Lê as divinas escrituras, os vinte e dois livros do Velho Testamento... mas não não tenhas nada de comum com os apócrifos. Não te apliques com cuidado senão aos únicos livros que nós lemos e reconhecemos francamente dentro da igreja. «(Catequeses, 4.<sup>a</sup>, sob o título «Das Escrituras Divinas»).

Epifânio : «Além dos vinte e sete livros dados por Deus aos judeus e contados por êles como vinte e dois livros, há também, independentemente dos apócrifos, dois outros que são por êles contestados : a Sabedoria de Sirach e a de Salomão. Estes dois livros são, sem dúvida, úteis e proveitosos, mas não estão contidos no número dos que é permitido publicar (ou livros fixados e combinados) ; por isso não foram colocados à parte, na arca da aliança». (Adv. Haer., 76).

Entre todos os escritores eclesiásticos do sec. IV nenhum tem mais importância, porém, do que S. Jerônimo, porque foi êle o tradutor da Bíblia para o latim, e foi a sua tradução que se tornou oficial na Igreja Católica. Entre outros doze testemunhos, apresenta o seguinte : «Assim como a Igreja lê os livros



Subamos sempre à procura da verdade

de Judite, Tobías e Macabeus, mas não os recebe entre as Escrituras Canônicas, assim também lê estes dois volumes (Sabedoria e Sirac) para identificação do povo, e não para confirmar autoridade de dogmas» (Praef. in Prov. Salom.).

*Sec. VI* — Leãocio de Bizâncio adere ao canon hebraico, omitindo inteiramente os apócrifos (De sectis, cap. 2).

*Sec. VII* — O papa Gregório Magno, ao citar Macabeus, pede licença para citar o testemunho de um livro não canônico, mas publicado para edificação da Igreja (Moral. in Job, XIX, 17).

*Sec. VIII* — João Damasceno enumera os livros do Antigo Testamento, desconhecendo a existência dos Apócrifos (De Orthodox. Fide, IV, 17).

*Sec. XII* — Hugo de S. Vitor (Elucid. de SS., c. 6). e Pedro de Cluny (Epist. II), admitem também só os vinte e dois livros de canon hebraico.

*Sec. XV* — Dionísio Cartusiano, no prólogo do seu comentário ao livro da Sabedoria, diz : «Este livro  
(Continua na página 12)

# ¿ D E U S O U

Por A. D. I. A.

## Os Raios Positivos

Feita a descoberta do electrão, a parte negativa dos atinos, procuraram a porção positiva dos mesmos. No tubo de Crooks, de cátodo perfurado, do lado esquerdo do cátodo, via-se coloração variável, consoante a natureza do gás introduzido, enquanto à direita do mesmo aparecia a côr esverdeada, qualquer que fôsse a natureza do gás, característica dos raios catódicos. Provou-se que os raios luminosos da esquerda eram formados de corpúsculos carregados de electricidade positiva e chamaram-lhes *Raios Positivos* ou *Raios Canais*.

O método pôsto em prática para determinar a massa, velocidade, carga eléctrica dos electrões, foi-lhes aplicado e demonstrou que os corpúsculos constituíntes dos *Raios Positivos* tinham massa de valor aproximado à dos atinos, velocidade pequena, apenas uns centos de quilómetros por segundo (!), e a relação  $\frac{e}{m}$  dá valores da mesma ordem da electrólise. A conclusão foi que tais corpúsculos são atinos ou grupos de atinos a que só faltavam os electrões que constituíam os *Raios Catódicos*.

No tubo de Crooks dividiam-se os atinos na sua parte positiva e material (os Raio Positivos) e no *electrão*, a parte negativa.

## Os Raios X

Em 1895, o professor Roentgen pôs o tubo de Crooks a funcionar dentro de uma caixa de cartão e verificou que chapas de platino-cianeto de Bárrio, situadas fora da caixa, ficavam fluorescentes. O tubo emitia raios invisíveis, especiais, capazes de atravessar o papelão e de dar côr às substâncias fluorescentes. Como nada soubesse sobre tais radiações, baptizou-as de *Raios X*.

Estes raios aparecem sempre que os Rais Catódicos são detidos bruscamente por paredes sólidas, como o vidro da ampola. Os Raios X dão colorações variáveis ao vidro da ampola conforme os elementos da

sua composição: verde se nela entra o K ou Ba; azul, se o Pb.

Os Raios X atravessam paredes muitos espêssas. Quando os elementos que os formam são de pequeno pêso atômico, estas tornam-se transparentes aos ditos raios. É o que acontece com os tecidos orgânicos formados de hidratos de carbono e albuminóides. O chumbo (Pb) é um dos elementos de mais elevado pêso atômico e opõe certa resistência à passagem dos Raios X, donde o seu emprêgo para protecção contra êles.

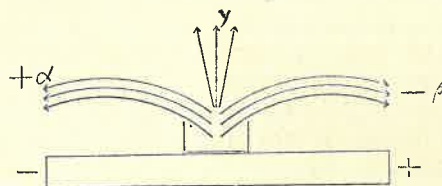
Os Raios X são de origem luminosa e provêm dos choques dos electrões no anticátodo.

Foram estes raios empregues logo no estudo da constituição da matéria e, de facto, mais luz brotou sôbre tão difícil problema.

## Radioactividade e transmutação da matéria

Descobriram-se corpos que, naturalmente e sem excitação externa, dão raios semelhantes aos X. Feitas as notáveis investigações dos Curies chegaram a obter o célebre rádio (Ra).

Colocando uma partícula de sal de rádio, numa cavidade de chumbo, assente sôbre um magnete, saem dessa cavidade três espécies bem distintas de Raios, como indica a gravura:



- 1.º Os *Raios Alfa* — formados por partículas positivas e, por isso, atraídos pelo polo negativo do magnete;
- 2.º Os *Raios Beta* — formados pelos nossos conhecidos electrões;
- 3.º Os *Raios Gama* — idênticos aos já conhecidos Raios X.

## Continuação do

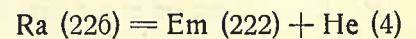
*Os Raios Alfa* são formados por corpúsculos materiais de massa atômica bem definida, igual a 4 unidades, com carga positiva dupla da dos electrões, com velocidade muito inferior, uns 20.000 quilómetros por segundo.

*Os Raios Beta* têm velocidade que chega a 90 % da da luz (300.000 km. por segundo approx.). Um electrão era capaz de dar 6,5 vezes a volta à nossa Terra num segundo. Massa tão ínfima que se pode considerar praticamente nula e de origem eléctrica.

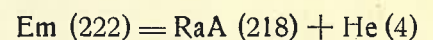
Aquêles *Raios Alfa* deram que pensar. Que seriam êles? Meteram um fragmento de sal de Ra num tubo de vidro de paredes finas, de modo a poder ser atravessado pelas partículas alfa. Meteram ainda êsse tubo dentro de outro de paredes muito espêssas onde fizeram o vácuo. Passados dias viram que no tubo espêso aparecera um gás; o Hélio. Ora donde provinha o Hélio? Só se tivesse vindo do Ra. Mas do Ra, através das paredes de vidro delgado, só tinham passado os Raios Alfa.

O Hélio era pois Raios Alfa que, ao atravessar o tubo, tinham perdido a carga eléctrica.

O Rádio produz, ao mesmo tempo, outro gás chamado *Emanação* e podemos representar êste desdobramento pela equação:



A *Emanação*, expulsando ainda uma partícula  $\alpha$ , daria outra espécie de Rádio, o RaA;



Se, em vez de perder uma partícula alfa, perdesse uma partícula beta ou um electrão, o Ra ficaria com o mesmo pêso atômico, mas passaria a outra espécie de Ra. Nos livros

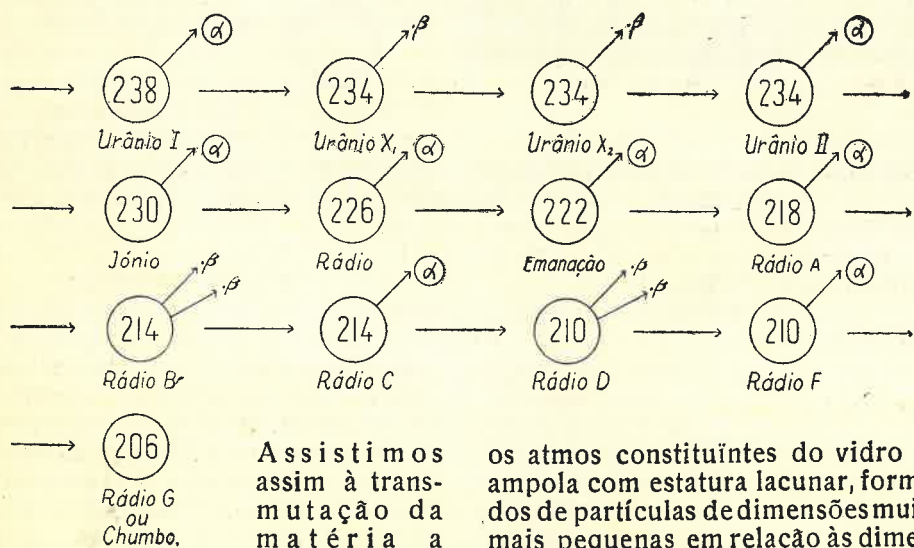


# M A T É R I A ?

S G O M E S

n ú m e r o a n t e r i o r

da especialidade aparece o seguinte esquema compreensível e sugestivo:



Assistimos assim à transmutação da matéria a partir dos elementos de

pêso atômico mais elevados até aos mais simples e esta desintegração material tem de curioso o facto de não poder ser nem acelerada nem retardada por qualquer agente ainda o mais enérgico! Pelo esquema acima fácil será enunciar a lei da transmutação:

«Sempre que um atmo radio-activo perca uma partícula alfa, o pêso atômico diminui 4 unidades e o seu Número Atômico duas unidades. Sempre que perca uma partícula beta o pêso atômico fica praticamente o mesmo (na realidade diminui de  $\frac{1}{1.865}$ ) e o Número Atômico aumenta uma unidade».

## Nova concepção do Atmo

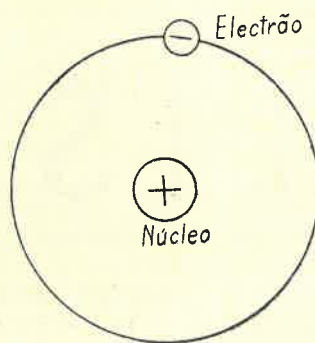
Mas a passagem através do vidro da ampola levada a cabo pelo Hélio continuou a dar que pensar aos experimentadores. A parede de vidro por delgada que fôsse tinha de ser cons-

tituida por biliões e biliões de atmos! Ora se os atmos fôsem maciços, como sempre se tinha suposto, haviam de fazer tamanha muralha que nem interstício deixaria ficar. E nessas condições não poderiam passar outros atmos também sólidos ou maciços como os do Hélio. Mas passaram e daí a necessidade de conceber

os atmos constituintes do vidro da ampola com estatura lacunar, formados de partículas de dimensões muito mais pequenas em relação às dimensões do atmo global, partículas que deixariam entre si espaços relativamente consideráveis. E assim chegaram à concepção de Rutherford segundo o qual o atmo é formado de uma carga positiva central, de muito pequenas dimensões, em torno do qual gravitam, em espaço relativamente extenso, os electrões. O atmo seria qualquer coisa de muito muito parecido ao sistema solar em que o núcleo representaria o Sol e os electrões negativos os Planetas.

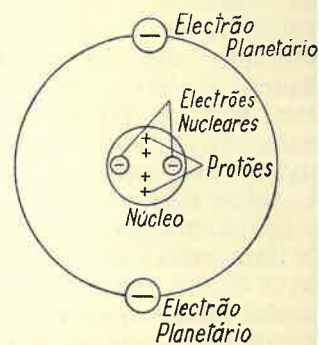
Não se limitaram às hipóteses. Meteram mãos às medições e apuraram que o núcleo do atmo de Au tem um diâmetro de  $3.10^{-12}$  do cm., isto é, é 10 000 vezes mais pequeno do que o diâmetro do atmo!

Talvez possamos apanhar uma idéia rápida de conjunto vendo dois esquemas de atmos, conforme nos mostra a gravura ao lado:



Esquema do atmo de Hidrogénio:

- 1 Protão
- 1 Electrão



Esquema do atmo de Hélio:

- 4 Protões
- 2 Electrões Nucleares
- 2 Electrões Planetários

## Novas concepções físicas

A descoberta do electrão com velocidade quasi igual à da luz (300.000 km. por segundo), aliado aos estudos feitos sobre a teoria do éter, veio obrigar os cientistas a considerar inaplicáveis a todos os aspectos universais as suas leis de mecânica. O que é verdade para corpos a moverem-se com velocidades de algumas dezenas de quilómetros por segundo (e não eram muitos) deixou de ser verdade quando imaginarmos velocidades de centenas de milhares de quilómetros por segundo.

Até ali, a energia aparecia relacionada como a matéria mas distinta uma da outra. Tinha-se arranjado bem conhecida equação.

$$E_{cinética} = \frac{1}{2} m v^2$$

para relacionar a Energia com a Massa e o Espaço. Agora aparece outra equação:

$$m - m_0 = \frac{E_{cinética}}{c^2}$$

e que se enuncia:

«o acréscimo de massa resultante do movimento de um corpo é igual à sua energia cinética sobre o quadrado da velocidade da luz».

A Massa ou a Matéria de um corpo deixava de ser uma constante par-

(Continua na página 11)

«Era ao cair da tarde do dia 21 de Setembro de 1761. O Rossio oferecia aspecto desusado. Erguiam-se em volta vistosos palanques ricamente ornamentados, nos quais se apinhava a côrte, os embaixadores, a alta magistratura, os magnates eclesiásticos, tudo quanto naquela sociedade de chatins ocultava uma alma de lacaio sob a casaca ou a batina.

«A tropa mantinha a ordem, guarnecendo as ruas e as praças vizinhas. Em lugar apropriado, para que os espectadores o vissem bem, fôra levantado um cadafalso em anfiteatro. Presidia à festa Sebastião de Carvalho e Melo, a cujo convite que era uma ordem, acorriam ali pressurosos, clero, nobreza e povo.

«O tigrino olfato do grande marquês tinha saúdaes dos suaves eflúvios de carne queimada, que em 13 de Janeiro de 1759 se evolveram da fogueira de Belém. No cadafalso dos Távoras estiveram representados a nobreza e o povo; faltava reduzir a torresmos um membro do clero afim de completar a iniciação do sistema representativo.

«Para ser completa a festa, nem o programa ilustrado esquecera. Distribuía-se aos circunstantes uma estampa, representando de ante-mão o piedoso acto.

«Proporcionava-se assim, à flôr da sociedade portuguesa de então, o prazer de esgotar o infável espectáculo que o civilizador estadista lhe preparava.

«Aí vem o cortejo. Era a fúnebre procissão do auto da fé, na qual figuravam 52 condenados mas só um tinha de expiar com a morte as feias culpas.

«Vinha também a vera effigie de Francisco Xavier de Oliveira, homiziado em Inglaterra e agora condenado a morrer relaxado em estátua por causa dos seus escritos. Convivera com Pombal em Londres e Viena e referira-se com aplauso às suas reformas. Amor com amor se paga.

«O protagonista de sinistra comédia era um «vil criminoso». Vinha de mãos atadas atrás das costas; trazia na bôca um freio de pau; ornava-lhe a cabeça uma mitra de papelão com figuras satânicas dignas de um conto à Edgar Poë.

«Em vez do clássico sambenito, a roupeta omniosa da Companhia de Jesus. Aos lados, como padrinhos, dois frades bentos.

«Subiu o réu com passo firme o cadafalso para lhe ser lida a sentença proferida pelo Tribunal do Santo

Ofício, a que presidia Paulo de Carvalho, irmão e digno colaborador do grande marquês na tarefa de manter impoluta a fé católica nestes reinos. Leu a sentença um comissário. Convém lembrar o final dela. Não é bem o estilo dos tribunais revolucionários de 1794.

«A hipocrisia é a mesma, a diferença consiste ape-

nas em defender-se numa a fé, nas outras a liberdade :

«Christi Jesu nomine invocato, declaram ao réu, Padre Gabriel Malagrida, por convicto no crime de heresia, por afirmar, seguir, escrever e defender proposições e doutrinas opostas aos verdadeiros dogmas e doutrinas que nos propõe e ensina a Santa Madre Igreja de Roma; e que foi e é hereje da nossa Santa Fé católica e como tal incorre em sentença de excomunhão maior e nas mais penas em direito contra semelhantes estabelecidas; e como hereje e inventor de novos erros heréticos, convicto, ficto, falso, confitente, revogante, pertinaz e proficiente dos mesmos erros; mandam que seja deposto e actualmente degradado das suas ordens, segundo a disposição e forma dos sagrados cânones e relaxado depois com mordada e carocha, com rótulo de heresiarca, à justiça secular, a quem pedem com muita instância se haja com êle réu benigna e piedosamente e não proceda a pena de morte nem efusão de sangue».

# U M A U T O

«O benigno e piedoso pedido não foi totalmente atendido.

Efusão de sangue não houve mas a justiça não ficaria satisfeita se o feio crime não fôsse punido com a morte.

Fiat justitia!

(Segue-se a biografia resumida do padre Gabriel Malagrida, de 72 anos de idade, 40 dos quais gastos nas missões do Brasil. Queixara-se das infâmias que no Maranhão praticava o irmão do Marquês, Francisco Xavier de Carvalho. Foi preso a 11 de de Janeiro de 1759. Esteve preso 28 meses, durante os quais não lhe consentiram que mudasse de roupa. Após este tempo, transitaram com êle para o Santo Ofício. Malagrida foi processado pelo crime de heresia e acusado de haver escrito na masmorra escura umas obras religiosas cheias de absurdos e que ninguém mais viu pois delas só há a notícia do processo. De resto como é que arranjava papel e tinta, nas masmorras da Inquisição, o Padre Malagrida?)

«O braço secular, desejoso de provar a sincera aliança do trono e do altar e o zelo cotólico do govêrno que então felicitava o país, proferiu por seu turno a seguinte sentença :

«Vista a sentença dos Inquisidores, Ordinário e Deputados do Santo Ofício e como por ella se mostra ser o réu Gabriel Malagrida que foi religioso sacerdote da Companhia denominada de Jesus, Hereje da nossa santa fé Católica e como tal relaxado à justiça secular, precedendo Degradação actual

de suas ordens pública e juridicamente feita: E vista a disposição de direito e ordenação em tal caso o condemnamos a que com Baraço e Pregão seja levado pelas ruas públicas desta cidade até à Praça do Rocio e que nela morra a morte natural de garrote e que depois de morto seja o seu corpo queimado e reduzido a pó e cinza para que dêle e de sua sepultura não haja memória alguma».

# L I S B O A

«E «pague as custas», ainda por cima da morte natural. Eram factos, aqueles togados sinistros que serviam de capacho ao grande marquês.

«O bispo de Sparta, coadjutor do Patriarca, subiu ao tablado depois de lida a sentença e procedeu à degradação de Malagrida, para o que tinham feito envergar a este no vizinho convento de S. Domingos os paramentos sacerdotais. Zeloso pastor das almas que assim contribuía para preservar as suas ovelhas da acção do terrível veneno que na Vida de Sant'Ana podiam propinar-lhes! Depois da degradação «exortou Malagrida a confessar os seus crimes e a pedir perdão ao rei e ao povo do escândalo que dera». O «execrando criminoso» respondeu :

«Desde que pus os pés em terra portuguesa, servi sempre Sua Majestade, como bom e lial súbdito; contudo, se por ignorância o ofendi na mínima coisa, eu lhe peço humilde e sinceramente perdão».

O «venerando» arcebispo não perdera o seu tempo. Estava reparado o escândalo.

«Em seguida o algoz garrotou perante a piedosa assembleia, o malvado herético cujo cadáver foi em seguida reduzido a cinzas e estas lançadas ao mar.

«Findou a festa com lauto banquete comemorativo, oferecido pela majestática Inquisição ao marquês de Pombal, enquanto a nobreza, clero e povo iam comentar *inter*



Um Auto de Fé em Lisboa

*pocula* o espectáculo que afervorara a sua fé.  
Corja!»

(Ext. de *E pur si muove*, de Nemo, 1900, p. 212 a 217)

*Nota do Director* — Este acto feio da Inquisição e Autoridades, em 1761, deu-se de católicos contra um católico. Como este podemos citar muitos mais em Portugal, de católicos contra católicos. Fora de Portugal são também às centenas outros actos feios do mesmo género, de protestantes contra católicos ou contra não-protestantes. São imensos actos destes e semelhantes de cristãos contra judeus e, dos livros sagar-

dos, podemos dizer que os judeus eram capazes de fazer o mesmo a cristãos se tivessem tido uma nacionalidade. Conclusão : a separação absoluta das Religiões e do Estado, a independência absoluta da Justiça de qualquer credo religioso são as bases mais sólidas para que os nacionais de qualquer país se respeitem e durmam descansados.

## ¿ Deus ou Matéria ?

(Continuação da página 9)

depender da Energia cinética do corpo. A Energia e a Massa passam a estar relacionadas por um simples coeficiente : a Massa é igual à Energia vezes um coeficiente; a Energia é igual à Massa vezes um coeficiente inverso do primeiro.

Podemos escrever :

$$m = \frac{E}{\omega^2}$$

Enquanto se não descobriam velocidades iguais às do electrão e, presentemente, sempre que não entremos em consideração com elas, poderemos supor a massa invariável. Mas mesmo quando a massa seja tão ínfima como a do electrão, a sua energia cinética passa a valer alguma coisa muito apreciável e os resultados pesam logo nas fórmulas.

A última equação presta-se ao seguinte enunciado : A massa de uma quantidade de energia é igual ao seu quociente pelo quadrado da velocidade da luz». Ou ainda : «Tôda a forma de energia possui certa inércia».

(Termina no próximo número).

## Cristo, e a vossa família

(Conclusão da página 5)

com a tua família, o teu marido e os teus filhos? «Vai bem contigo? Vai bem com teu marido? Vai bem com teu filho?» 2 Reis 4:26.

Vem-me à idéia um lar onde o pai nunca tomou a sua participação na responsabilidade de educar os filhos, sendo até contrário à educação cristã; contudo o amável exemplo cristão e vida de oração da mãe conduziu todos os filhos a Cristo, e todos foram saindo para começar êles próprios novos lares cristãos. Grande é a recompensa dessa mãe agora, e maior será ainda quando o Mestre lhe disser : «Bem está, boa e fiel serva».

Necessitamos de Cristo na nossa família para paz e tranqüilidade do lar. Que diferença quando pai, mãe e todos os filhos são Cristãos! Quando todos se unem em volta da lareira ou do fogão para lerem jun-

tos a palavra de Deus e implorarem a bênção sobre a família através da oração. Quanto isso não vale mais do que o espectáculo feio, infelizmente tão comum ainda na nossa terra, do marido embriagado, a espancar a mulher e os filhos, numa gritaria e confusão geralmente companheiras da miséria e da imundície.

Leitor, Portugal necessita lares cristãos, lares onde marido e mulher sejam fiéis um ao outro, fiéis para com os filhos, fiéis para com Deus. Possamos todos encontrar a bênção de Cristo construindo uma arca de segurança para salvação dos nossos queridos. E, por último, possam as portas do Céu fechar-se sobre nós, com tôdas as crianças dentro!

(Pela adaptação do inglês

A. Figueiredo)

não está no canon, pôsto que ninguém duvide da sua veracidade».

Afonso Tostato, bispo de Avila, um dos mais ferreiros exegetas do seu tempo, afirma: «Há outros livros que dizem respeito às Sagradas Escrituras, que não estão no canon... São os apócrifos» (Praef. Quaest., in Script).

Sec. XVI—De 1502 a 1517, o célebre cardinal Ximenes, arcebispo de Toledo e fundador da Universidade de Alcalá, publicava a sua notabilíssima Bíblia Poliglota, não recendo asseverar no prefácio desta obra que «os livros de Tobias, Judite, Sabedoria, Eclesiástico e os Macabeus, assim como as edições a Ester e Daniel, não são escrituras canônicas».

Em 1555, um doutor de Lovaina, Driedo, publicava contra Lutero, uma obra intitulada «Quatro livros de Sagrada Escritura e de Dogmas Eclesiásticos», que dedicou a D. João III, rei de Portugal. Apesar de escrita contra os protestantes, nessa obra não receou afirmar: «A igreja católica, ainda que leia os livros apócrifos com piedosa atenção, por causa de alguns santos autores da antiguidade que fizeram uso deles; ainda que os não rejeite por completo nem os despreze; no entanto não os recebeu como tendo autoridade igual à dos livros canônicos». (Lib. I, d. 4, ad diffic. 3.)

Na impossibilidade de estender esta lista de nomes, note o leitor o número de testemunhas que Gausen apresenta em favor dos Apócrifos, até ao sec. XVI. Na Palestina e Síria, quatro; nas igrejas apostólicas da Ásia Menor, três; na Frígia, Capadócia, Licaónia e Chipre, quatro; no Egito, três; nas igrejas da África, seis; nos cinco Patriarcados, sete; na Grécia, sete; na Itália, seis; na Espanha, cinco; em França, catorze; na Alemanha e nos Países Baixos, onze; em Inglaterra, sete. Total, *setenta e sete*.

### Como se introduziram os Apócrifos na Bíblia Católica

O principal argumento usado em favor dos Apócrifos é o seguinte: Eles encontravam-se incluídos na versão grega dos Setenta; ora os Apóstolos usaram essa versão; portanto aceitaram também os Apócrifos.

Este argumento não passa porém de um sofisma. Com efeito, suponhamos que eles se encontravam

nessa versão, o que é difícil de provar, visto que os exemplares mais antigos que possuímos datam apenas do século IV da nossa era, e a versão foi concluída no Egito talvez em 282 antes de Cristo. Não figurariam nessa colecção apenas como

de Trento apenas se achavam 43, e poucos mais se achavam presentes na altura que esta decisão foi tomada. Havia nações que não tinham nenhum representante, como p. ex., a Inglaterra, a Alemanha e a Suíça. E foi este meio cento de padres que pretendeu representar o sentir da igreja universal! E foram eles que, depois de enumerarem os Apócrifos juntamente com os Canônicos, promulgaram o seguinte anátema:

«Se alguém pois não receber por sagrados e canônicos estes mesmos livros inteiros com tôdas as suas partes, da maneira que na Igreja Católica se costumaram ler e se contém na antiga edição vulgata latina, e com conhecimento e propósito deliberado desprezar as sobreditas tradições, seja excomungado. (Sessão IV).»

Se é verdade que as edições da Vulgata publicadas até então continham os livros apócrifos, é verdade também que eram precedidas do prólogo de S. Jerónimo, em que o «Doutor Máximo» frisava bem a distinção entre os canônicos e os apócrifos, que rejeitava como não inspirados. A partir de agora até o próprio S. Jerónimo ficava virtualmente excomungado! E, neste particular, nada mais se avançou depois do Concílio de Trento...

### Critérios internos

Notemos, porém, que os livros apócrifos podiam não ser inspirados, mas estar de acôrdo com o teor e a doutrina dos livros canônicos. Não é isso, porém, o que se observa.

Deixando de parte, como argumento de menos valor, a circunstância de se encontrarem escritos em grego e não em hebraico, fere logo a nossa atenção o facto de nenhum dos seus autores pretender ser inspirado, a não ser o do livro de Sabedoria que, dizendo-se de Salomão, logo se contradiz, citando passagens de Isaías e de Jeremias e supondo os seus contemporâneos já sujeitos aos seus inimigos (Cap. 9:7,8; 15:14; comparar 1 Reis 4:20-25). E, longe de pretender ser inspirado, o autor de 2 Macabeus claramente dá a entender que o não é. Não fazemos ideia de um autor inspirado a escrever as palavras que se seguem: «O que Jason de Cirene compreendeu em cinco livros, procurámos nós epitomar num só volume... Porei aqui fim à minha narração. E se ela está bem organizada e como convém à história, isso é também o que eu desejo; mas se,

# ● A BÍBLIA... ●

(Continuação da página 7)

monumentos da civilização hebraica, tanto mais que não fôra empreendida por motivos religiosos, mas para satisfazer a curiosidade literária do rei Ptolomeu Filadelfo? O facto de os apóstolos utilizarem, *por vezes*, a versão dos Setenta provará que eles reconheciam como canônicos os apócrifos ali anexos aos livros inspirados? Não provará antes que, escrevendo em grego, utilizaram a tradução grega já feita dos livros canônicos, sem atender à circunstância de estarem juntos os apócrifos? De resto, não encontramos nenhuma citação feita desses livros pelos Apócrifos entraram na Bíblia católica. Como excepções à tão grande nuvem de testemunhas em favor dos vinte e dois livros do canon judaico, é verdade que houve também uns dois ou três casos a favor dos Apócrifos. Foram eles, sobretudo, S. Agostinho, cujo testemunho global se contradiz ou não é suficientemente claro, e o Concílio de Cartago, realizado em seus dias (397). É conhecida a influência absorvente que Agostinho exerceu em todo o pensamento medieval, quer no campo estritamente teológico, quer no campo filosófico, onde o agustinismo constituiu feição característica de certas correntes intelectuais. Talvez este facto explique um pouco a tendência a favor dos Apócrifos manifestada no Concílio de Florença em 1439, e sobretudo a sua introdução no canon católico pelos padres do Concílio de Trento.

O que é certo é que em 8 de Abril de 1546, depois de acalorada discussão, porquanto se manifestaram nada menos de quatro correntes diversas, procedeu-se a votação, obtendo a maioria de votos a proposta a favor da colocação dos Apócrifos em paridade com as Escrituras canônicas. No Concílio de Calcedónia, que, em 451, sancionara o decreto do Concílio de Laodiceia, em que foram rejeitados os apócrifos, ainda se encontravam presentes 630 bispos; mas ao abrir o Concílio

# DECISÃO E PRONTIDÃO

Por E. G. WHITE

**N**ecessitam-se homens independentes, fervorosamente esforçados, não homens maleáveis como cera. Aqueles que desejam achar o trabalho à mão, que querem fazer uma quantidade determinada e ter salário fixo e que se desejam mostrar como verdadeiras capacidades, sem se dar à pena da adaptação e preparo, não são homens a quem Deus chame para trabalhar em Sua causa. Um homem que não se pode adaptar a quasi qualquer lugar, se a necessidade exigir, não é homem para esta época. Deus não ligará à Sua Obra homens coxos e desfibrados, sem músculo e fôrça de carácter.

Homens há que se lisonjeiam de ser capazes de realizar algo de grande e bom se tão somente se achassem em circunstâncias diversas, ao passo que não se servem das faculdades que dispõem, trabalhando onde a Providência os colocou. . . Independência e fôrça individuais, eis as qualidades agora necessárias. O carácter individual não precisa de ser sacrificado; deve, porém, ser modificado, refinado, enobrecido.

A causa de Deus requiere homens de golpe de vista, capazes de agir pronta e enèrgicamente no momento oportuno. Se esperais para medir cada dificuldade e pesar cada perplexidade que encontrardes, bem pouco haveis de realizar. Encontra-

pelo contrário, *foi escrita com menos dignidade, deve-se-me perdoar!*» (2 Macabeus 2:24 ; 15:38,39).

Sob o ponto de vista moral e doutrinarío, encontramos, nos Apócrifos, atitudes que chocam e que não estão de acôrdo com as Escrituras.

Por exemplo, em Tobias 6:6-8 sanciona-se a feitiçaria; em 5:7, 18 ; 12:15, vemos um anjo mentindo descaradamente ; em Sabedoria 8:19,20 ensina-se a reencarnação ; 2 Mac. 12:44,45 apoia as ofertas e orações pelos mortos ; em 14:42 diz-se nada menos que foi «morrer nobremente» o suicidar-se um judeu, Razias, cercado por inimigos.

reis dificuldades e obstáculos a cada passo e deveis, com firme propósito, decidir vencê-los ou, de contrário, sereis por êles vencidos.

Vezeis há em que vários meios e fins, métodos diversos de operação



E. G. White

quanto à Obra de Deus, se equivalem mais ou menos em nosso espírito ; é exactamente então que se faz mister o melhor critério. E se alguma

## Conclusão

Resumindo, podemos concluir que Jesus não reconheceu, como inspirados, os Apócrifos, como os não reconheceram também os apóstolos e a maior parte dos escritores católicos até ao século XVI ; e que o próprio conteúdo desses livros não apoia a sua inspiração.

Respondendo agora a pergunta feita na epígrafe deste artigo, afirmamos sem receio : a Bíblia católica é igual à protestante porque a Bíblia é só uma ; não encerra porém como aquela, os Apócrifos, justamente porque estes não têm direito a fazer parte do Sagrado Livro.

coisa se faz para esse fim, deve ser feita no momento oportuno. A mais leve inclinação do pêso na balança deve ser notada, decidindo imediatamente a questão. Muita delonga fatiga os anjos. É mesmo mais desculpável tomar uma decisão errada, às vezes, do que ficar sempre a vacilar, hesitando ora para uma ora para outra direcção. Maior perplexidade e mal resultam de hesitar e duvidar assim do que de agir às vezes muito apressadamente. Tem-me sido mostrado que as mais assinaladas vitórias e as mais terríveis derrotas se tem decidido em minutos. Deus requiere acção pronta. Demoras, dúvidas, hesitações e indecisão dão muitas vezes toda a vantagem ao inimigo.

O fazer as coisas no tempo devido pode ser um argumento em favor da verdade. Perdem-se freqüentemente vitórias devido a tardanças. Haverá crises nesta época. A acção pronta e decisiva no momento oportuno conquistará gloriosos triunfos ao passo que dilações e negligências darão em resultados grandes fracassos e positiva desonra para Deus. Movimentos rápidos no momento crítico desarmam muitas vezes o inimigo que fica decepcionado e vencido pois esperara tempo para delinear planos e operar mediante artificios.

A maior prontidão é necessária na hora do perigo. Cada plano pode estar bem assentado para dar resultados certos e, todavia, uma demora bem pequena é capaz de fazer com que as coisas assumam aspecto inteiramente diverso e os grandes objectivos que teriam sido alcançados por falta de um rápido golpe de vista e de uma pronta decisão.

Muito se pode fazer para exercitar a mente contra a indolência. Há ocasiões em que se tornam necessárias cautela e grande deliberação ; a precipitação seria loucura. Mas mesmo nesses casos, muito se tem perdido por demasiada hesitação. Exige-se até certo ponto, cautela ; mas a hesitação e a prudência em determinadas ocasiões têm sido mais desastrosa do que teria sido um fracasso devido à precipitação.

# QUE NOS RESERVA O FUTURO?

## Uma visão milenária

«E o sexto anjo derramou a sua taça sobre o grande rio Eufrates; e a sua água secou-se para que se preparasse o caminho dos reis do Oriente. E

da boca do dragão e da boca da bêsta e da boca do falso profeta vi sair três espíritos imundos, semelhantes a rãs. Porque são espíritos de demónios que fazem prodígios; os quais vão ao encontro dos reis de todo o mundo para os congregar para a batalha, naquele grande dia do Deus Todo-poderoso. Eis que venho como ladrão. Bem aventurado aquêle que vigia e guarda os seus vestidos para que não ande nú e não se vejam as suas vergonhas. E os congregaram no lugar que em hebreu se chama Armagedon». Apocalipse de S. João 16:12-17.

## Uma interpretação racional

«A secagem do rio Eufrates representaria a destruição do império turco, acompanhada de maior ou menor destruição dos seus súbditos...

para que todos os povos se encaminhem para o último encontro na Terra Santa.

«Os reis do Oriente, as nações, potências e reinos que estão para Oriente da Palestina, desempenharão parte notável no assunto; já Joel dizia ao referir-se a êste acontecimento: «Que os pagãos despertem e subam ao vale de Josafate». Os milhões de maometanos da Pérsia, Afganistão, Turquestão e Índia correrão para o campo da luta em defesa da sua religião.

«... Outro acontecimento a notar nesta praga é o aparecimento de três espíritos imundos que vão juntar as nações para a grande batalha... Para muitos pode parecer incrível que as nações voluntariamente se empenhem numa disputa tão desigual como a de combater contra o Senhor dos exércitos; mas é uma das particularidades dêstes espíritos demoníacos o engano porque êles executarão milagres e por êles enganarão os reis da Terra afim de que acreditem na mentira.

«As origens dêstes espíritos de-

O  
P  
E  
R  
I  
G  
O

A M A R E L O S E R Á

tos... Poderão ainda perguntar como é que o caminho dos reis do Oriente se preparará pela secagem ou destruição do poder otomano? A resposta é óbvia. Com que fim se prepara o caminho dêstes reis? — Para que venham à batalha do grande dia do Deus todo poderoso. Onde se ferirá essa batalha? — Próximo de Jerusalém (Joel e Sofonias). Mas Jerusalém está nas mãos dos Turcos; são êles os detentores da Palestina e do Santo Sepulcro. Aqui está o ôsso da contenda; é sobre êles que as nações fixaram os seus olhos cubiçosos e ciumentos. Embora a Turquia agora os possua e outros os cobicem, julgou-se contudo necessário para a tranqüilidade da Europa, que a Turquia mantivesse esta posse com o fim de manter o «equilíbrio de poderes». É esta a razão pela qual as nações europeias têm cooperado na manutenção da integridade turca porque não vêem meio de concordar na divisão dos despojos quando cair a Turquia. Êste estado existe apenas pela complacência das nações europeias, mas quando elas retirarem a sua ajuda e a abandonarem como terá de acontecer na sexta praga, é então que aquêle rio simbólico secará; a Turquia deixará de existir e ficará aberto o caminho

R  
E  
A  
L  
I  
D  
A  
D  
E  
?

notam que êles trabalharão entre três grandes divisões da humanidade, representadas pelo dragão, a bêsta e o falso profeta ou Paganismo, Catolicismo e Protestantismo apóstata». (Uriah Smith in *Thoughts on the Revelation*, págs. 691-696).

Resumindo:

Embora a interpretação tenha o colorido da época em que viveu o autor (fins do século XIX), parece-nos poder sublinhar os seguintes factos:

1.º A sexta praga indica modificações profundas no estado turco;

2.º Às quais sucederá uma mobilização dos povos a ocidente da Turquia contra os povos a oriente dêsse país;

3.º Essa luta, conhecida pela Guerra Universal entre os tratadistas religiosos, talvez por comportar elementos extra-terrestres (os espíritos de demónios), terminará na vinda do Senhor e no fim do velho mundo e estabelecimento do Reino de Deus;

4.º O elemento religioso será preponderante e sairão influências dos três principais agrupamentos religiosos (Catolicismo, Paganismo e Protestantismo) que empurrarão os povos à contenda.

## Que estamos nós vendo ?

Existe uma linha nevrálgica actual que compreende o Estado Turco e os seus satélites, os países balcânicos e que, prolongada pelos pequenos países da Europa Central, divide as grandes forças humanas nas Potências Orientais (Rússia, China, Índia, Japão) e nas Potências Ocidentais, de civilização cristã (Alemanha, Inglaterra, França, todos os povos latinos, a América do Norte e os estados americanos de origem latina).

Parece que nos vamos habituando ao facto de não se poder resolver qualquer conflito armado sem entrar em relações íntimas com o eixo nevrálgico Turquia-Balcans e satélites.

A Turquia é solicitada sempre pelos grandes contendores e, por fim, tem de entrar na luta, ao menos para salvar a sua independência.

Custa muito aos Ocidentais entenderem-se, mas não são poucos os que apontam o Oriente como o grande perigo para a existência da civilização actual. Nos tempos de Suetónio todos olhavam para o Oriente donde esperavam o Salvador do mundo. Presentemente os ocidentais olham com justificados receios para os povos que se encontram a Oriente do eixo nevrálgico.

Parece que não são poucas as razões!

Donde provieram na Idade-Média as convulsões que aluíram a civilização Romana?

Movimentos de povos que fugiam espavoridos diante das grandes massas Orientais.

Enquanto a arte da guerra e o manejo de armas superiores foram o segrêdo das Legiões, as hordas mantiveram-se em respeito nas fronteiras do Império.

O pior, a inevitável desgraça, deu-se quando os Romanos e seus aliados não se entenderam, quando começaram a ensinar a arte da guerra aos bárbaros, a admiti-los nas legiões!

Nesse dia soou a hora derradeira para a civilização de Roma. Foi a invasão à mão armada com o inevitável cortejo de ruínas e sangue.

Ora presentemente dão-se factos semelhantes. Pelas fatais contingências da guerra os Ocidentais estão a fornecer de armas os Orientais (os Estados Unidos e a Inglaterra fornecem a Rússia e a China; a Alemanha teria vontade de fornecer o

Japão e, entretanto, anima-o na luta).

A Rússia está «de mãos dadas» com um forte núcleo de nações ocidentais, mas nem por isso cortou relações com o oriental Japão.

A China — aquêlo enorme vespeiro de 400 milhões de amarelos — luta contra o Japão ou, melhor dizendo, contra uma certa política autoritária do Japão; mas poderá algum ocidental imaginar que haja mais sólidos laços entre Chineses e os povos cristãos do que entre Chineses e Japoneses? Não serão muito mais evidentes as afinidades ráticas, religiosas, linguísticas, sentimentais entre êles? E, quando a China tenha milhares e milhões de homens e mulheres conhecedores da arte da guerra moderna, capazes de ensinar às centenas de milhões dos seus compatriotas, se houvesse um entendimento amigável com o Japão? E se os dois se entendessem com a Rússia? E se os três revoltassem a Índia?

O eixo nevrálgico — Europa Central, Balcans, Turquia e satélites — lá está, como fiambre entre as duas metades do papo-sêco, a pegar-se à metade que tem forças para fazer maior pressão e, como êle, acabará por ser comido.

Que a Religião anda também metida na contenda é o que se pode concluir dos jornais diários. Os chefes religiosos de maior influência são solicitados pelos contendores; os chefes políticos consultam-nos com respeito sincero ou fingido; os religiosos são convidados a mandar para o céu os seus requerimentos em favor da civilização criada pelos seus confrades de há séculos.

Não esqueçamos que as mais sanguinárias guerras são aquelas em que aos dissídios raciais e aos interesses materiais se juntam as dissensões religiosas. As guerras de religião são as mais odientas e destruidoras.

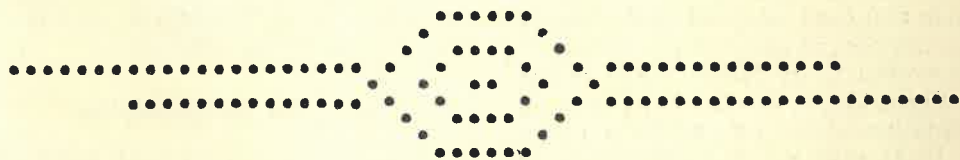
Olhem a perseguição aos judeus por serem... judeus.

Por enquanto parece que a contenda se limita a pontos de vista de interesses materiais e de ideologia administrativa.

O pior é o resto.

Desta efervescência entre os povos tiremos apenas o que possa demonstrar a veracidade da Profecia que continua a ser «a luz que alumia em lugar escuro até que a estrela da alva brilhe em vossos corações».

A. D. Gomes



# Causas das Guerras

Por F. LAMENNAIS

«As guerras de conquista, funestas aos vencidos como aos vencedores, têm constantemente por causa a ambição de um chefe insaciável de poder e riquezas. Que o chefe, seja qual fôr, obedeça ao povo de que êle não é nem pode ser mais do que o simples mandatário; as guerras de conquista e os desastres e as calamidades que arrastam após si cessam no próprio instante de desolar a humanidade, porque o povo que atacasse a liberdade de outro povo, os seus direitos, a sua existência, renunciar à sua própria liberdade, aos seus próprios direitos e condenar-se-ia êle mesmo à morte.

«As guerras de sucessão, ¿ donde vêm? que são elas? Uma consequên-

cia do direito monstruoso que faz de um país, dum povo, a propriedade de uma família, a sua possessão hereditária.

«Entraves opostos às comunicações dos povos entre si, à expansão da indústria e às leis naturais que tendem a estabelecer por tôda a parte o equilíbrio entre a produção e as necessidades, não de uma nação mas de tôdas as nações, entraves arbitrários que só tiram proveito o fisco à custa da prosperidade pública nascem as guerras comerciais, tão frequentes nos tempos modernos. Já não haverá causas possíveis. Quando a perfeita liberdade de comércio coroar as outras liberdades.

(Le Livre du Peuple)

# Grandes notícias em poucas palavras

## A época dos livros

Nunca se viram tantos livros no mercado português como presentemente. Se são publicados é porque os livreiros vêem possibilidades de serem vendidos. A imprensa inunda o mundo com idéias boas e más. Um agente da Publicadora Atlântico, Lta. Lúcio Soares, colocou só em Lourenço Marques, no curto espaço de um mês e dias, livros *Médico do Lar* do dr. Swartout e dr.<sup>a</sup> R. Guerreiro, no valor de 42.000 escudos!

## Evangelização de Portugal

No meio das preocupações da vida material, cada vez mais difícil para a maioria de portugueses metropolitanos, quasi não há ocasião para pensar nas questões espirituais. Quando estamos com fome e com frio não temos vontade de nada e quantas vezes desejamos a morte. Por essa razão na Bíblia se lê a prece máxima do cristão: «Duas coisas Te pedi; não mas negues antes que morra: 1.<sup>a</sup> Afasta de mim a vaidade e a palavra mentirosa; 2.<sup>a</sup> Não me dêes nem pobreza (isto é miséria) nem riqueza; mantem-me do pão da minha porção acostumada, para que, porventura, de farto te não negue e diga: Quem é o Senhor? ou que, empobrecendo, não venha a furtar e lance mão do nome do Senhor» (Provérbios 30: 7-8).

Mas, mesmo assim, continua a obra da Evangelização. Na região de Portalegre, por exemplo, estão em actividade: duas Igrejas em Portalegre, uma na Ribeira de Niza, outra em Niza, onde centenas de pessoas têm tomado conhecimentos do Evangelho. No Algarve a Congregação de Vila Real de Santo António, além do seu trabalho local, mantém aberta a sua sala limpa e higiénica em Castro-Marim, onde dezenas de pessoas assistem à leitura da Bíblia. Em Tomar, o Evangelho do Reino continua a ser explicado às massas e algumas pessoas se têm decidido a fazer dêle a regra de fé; no Entroncamento fazem-se as primeiras tentativas para estabelecer mais uma sala de estudo da Bíblia. Cascais vai finalmente ter um evangelista fixado visto se manter firme e em franco progresso o grupo de pessoas amigas do Evangelho do Advento e, desta forma, na região de Lisboa, ficaremos com três congregações estabelecidas. No Porto, Canelas e Avintes, continuam abert-

tas as salas onde dezenas de almas se reúnem em volta das Escrituras. Coimbra tem na Rua da Sofia a sua casa onde se explica a verdadeira «Sofia» ou sabedoria espiritual.

Nos Açôres estão abertos três centros de evangelização nas três ilhas de S. Miguel, Terceira e Flôres. Na Madeira, além do Funchal, onde continua activo o nosso centro, procura-se estender as actividades para outra localidade. São animadoras as notícias recebidas dos esforços de evangelização em Cabo-Verde e em S. Tomé.

## As Missões Adventistas

Têm alguns bons amigos em Portugal, como se prova na colocação do número especial da nossa revista — número Prò-Missões. Dos 15.000 exemplares publicados, ao chegar o fim do ano, poucas dezenas devem ficar. Prova isto que milhares de compatriotas nossos as acolheram bondosamente e que dezenas de crentes forneceram as suas pernas e vozes para as levar ao público. Que Deus abençõe abundantemente os que ficaram com as revistas, os que as colocaram e, finalmente, as missões que serão beneficiadas!

## Movimento de Missionários

Durante êste ano de 1944, assistimos aqui, em Lisboa, à passagem de algumas dezenas de missionários cristãos — evangélicos de várias denominações, para os seus campos de trabalho na África e no Oriente. Os nossos missionários adventistas também foram em número mais elevado do que nunca. Um dirigia-se à Pérsia; alguns à India; outros à Africa. Entre estes missionários tivemos o prazer de cumprimentar dois médicos, dois professores e uma enfermeira. «Êste Evangelho do reino será prêgado em todo o mundo». Os nossos missionários portugueses partidos para Angola estão bem, melhor do que se estivessem entrenós, enviam cumprimentos aos seus confrades.

## Abertura de aulas

Os nossos rapazes e meninas, com possibilidade de estudo — e não são todos infelizmente — entraram em actividade. Estão em pleno funcionamento as nossas escolas primárias de Lisboa, Funchal, Brava e não temos notícias exactas sôbre a de S.

Tomé. Muitos jovens estão cursando escolas secundárias e especiais.

O Seminário Adventista abriu as suas portas em Portalegre. Perto de 30 jovens ali estudam e trabalham. A primeira fase de preparação acabou. O Convento de Santo António ficou limpo por fóra e por dentro; as vacas e vitelos estão no curral e andam ao desafio com as cabras a ver quem produz mais leitinho; a produção de batata foi boa e assegura alimentação sólida aos estudantes e professores; as galinhas merecem especial cuidado da direcção; ar em abundância; vista amena sôbre a planura alentejana. Agora trata-se de estudar com seriedade; esta é a fase mais importante da escola e os respectivos técnicos têm a possibilidade de mostrar do que são capazes.

## Sede Adventista em Portalegre

Foi inaugurada a seu tempo e está em pleno funcionamento. Precisa ainda de pequenos arranjos tais como ajardinamento e também de mobiliário. No dia da inauguração tivemos uma verdadeira festa de confraternização: vieram os nossos confrades da Ribeira de Niza, de Niza, do Reguengo, de S. Julião e a sala estava repleta. Tivemos uma tarde no Seminário onde se procedeu ao baptismo de alguns crentes. À noite a Juventude teve uma reunião social. Foi dia que deixou gratas lembranças a todos!

## Espírito de colaboração

Tem reinado entre tôdas as Congregações da União quanto à Congregação de Portalegre e seu mobiliário. Quasi tôdas as Congregações já responderam com a sua oferta voluntária para os bancos de Portalegre. Agradecemos os donativos de 600 esc. enviados do Funchal de 500 esc. de Setúbal; de 3.000 esc. de Lisboa, as três verbas mais importantes. E agradecemos muito penhorados os outros donativos que por serem menores não deixam de indicar esforço e compreensão!

## «REVISTA ADVENTISTA»

PUBLICAÇÃO BIMESTRAL

Órgão exclusivamente religioso e de informação da União Portuguesa das Igrejas Adventistas do Sétimo Dia

Director: **A. Dias Gomes**  
Redactor: **Ernesto Ferreira**  
Administrador: **A. F. Raposo**

|                  |               |          |
|------------------|---------------|----------|
|                  | C nt. e Ilhas | Colónias |
| Número avulso    | 2\$50         | 3\$00    |
| Assinatura anual | 12\$00        | 15\$00   |

Redacção e Administração

Rua Joaquim Bonifácio, 17

Composta e impressa na

Imp. GUCRS & C.<sup>a</sup> — R. Diário Notícias, 61 — Lisboa